



TRIBUTO AO PROFESSOR PAQUETE DE OLIVEIRA

“Nunca se arrependam de ser bons!”

JOSÉ MANUEL PAQUETE DE OLIVEIRA, *IN MEMORIAM*

MANUEL PINTO

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO MINHO E PRESIDENTE DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO CONGRESSO

Foram vários os motivos que levaram o Grupo Informal sobre Literacia Mediática (GILM) a organizar um singelo tributo no quadro deste quarto “Congresso de Literacia, *Media* e Cidadania”.

Em primeiro lugar, porque, além de (e enquanto) figura dos média e distinto académico da Sociologia da Comunicação, Paquete de Oliveira foi uma pessoa e um cidadão companheiro dos seus semelhantes: afável, humilde, solidário, sábio e bem-humorado.

Em segundo lugar, porque desenvolveu, na instituição em que trabalhou, durante longos anos, e nomeadamente enquanto director do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, do ISCTE, uma atenção constante à educação para os média. Convidando especialistas, incentivando os debates e apoiando investigações nesta área.

Em terceiro lugar, porque desde o início foi um apoiante nas dinâmicas associativas tendentes a promover a cidadania nos media e relativamente aos média. Foi. Designadamente, uma presença apreciada e fecunda em anteriores edições do “Congresso de Literacia, *Media* e Cidadania”, organizados pelo GILM e várias das suas obras discutem e aprofundam estas dimensões.

Em quarto lugar, porque, enquanto (primeiro) provedor do telespectador, na RTP, instituiu um estilo e um patamar de qualidade no diálogo entre os média e os cidadãos, pautado pela reflexão rigorosa sobre os conteúdos e os formatos, pela promoção do espírito crítico e pela participação das pessoas e instituições. Foi de resto, em pleno exercício de um magistério deste tipo – o de provedor do leitor do diário *Público* – que nos deixou, em maio de 2016.

Pela sua presença inspiradora e solidária; pela ajuda que deu a tantos de nós; pela agudeza das suas reflexões e pelo apoio a uma cidadania ativa e responsável, José Manuel Paquete de Oliveira marcou o campo que cruza a comunicação com a educação e a cultura e destacou-se como cidadão exemplar e um “perito em humanidade”. Merece, por isso, ser recordado e continuar a acompanhar-nos, nos desafios que hoje enfrentamos. Os testemunhos seguintes foram lidos durante o tributo prestado no Congresso. São de pessoas que aceitaram o desafio de evocar a memória do Prof. Paquete.

O vídeo emitido durante a homenagem, com produção da RTP, pode ser consultado em <https://www.youtube.com/watch?v=-NY3xQoQ2Ao&t=>

CÉU NEVES

ESPOSA DO PROF. PAQUETE DE OLIVEIRA E JORNALISTA

Gostaria de agradecer aos organizadores do congresso por este momento especial que me estão a proporcionar a mim e aos meus filhos. Se tivessem dito ao Zé que lhe iriam fazer esta homenagem, ele provavelmente teria dito: “quero cá uma homenagem”. Mas claro que teria gostado muito, com muitas lágrimas à mistura, tornou-se um pouco lamechas para o fim.

A minha é uma posição ingrata. Não vou tecer elogios até porque o maior elogio é esta homenagem, também não vou falar nos feitos do Zé nas várias dimensões profissionais. E faz tão pouco tempo desde a sua morte, mas tanto tempo pela falta que nos faz. Penso que a melhor forma que tenho de vos agradecer é partilhar alguns aspetos da sua vida fora do domínio comum.

“Fisicamente, morre-se uma única vez. Socialmente, podemos morrer várias vezes”.

Frase sua que pode ser aplicada a muitos de nós, mas particularmente a si próprio. Padre, Professor, Jornalista, Político, Investigador, Comentarista, Provedor, Celibatário, casado, pai de família. E em todas as suas vidas sociais a sua participação foi para servir e não servir-se, com empenho a 100% e muito trabalho, características que aliadas à sua inteligência resultaram na pessoa maravilhosa que aqui temos testemunhado.

Nunca utilizou o telemóvel da RTP quando foi Provedor do telespetador, da mesma forma que não usou o carro de serviço quando esteve à frente do ISCTE.

Sempre o vi preparar as aulas até ao último dia em que lecionou. Anos letivos que começavam com ele a consultar as fichas dos alunos para os tratar pelo nome no primeiro dia de aulas. A preparar com igual rigor

todas as reuniões, a documentar-se exaustivamente para cada comunicação ou artigo, etc., etc.

Também era assim na vida familiar. Uma família que iniciámos a dois e que orgulhosamente completámos com os nossos filhos. Filhos que à noite chamavam pelo pai – eu tenho o sono pesado. E que não sentiram o peso da diferença das nossas idades até serem confrontados com o mundo exterior. Um dia o Ricardo perguntou: “Qual de vocês é o mais velho?” Respondi com outra pergunta: “Qual achas que é?” Ao que ele respondeu: “É o pai, brinca mais connosco e conta histórias”. Eram as histórias do menino Zequinha.

O Zé tinha a espada de Dâmocles sobre a cabeça, percebeu isso antes de nós. Falámos muito no antes e no depois da morte. Deixou-nos uma carta com conselhos para mantermos a harmonia na família, disse quem queria que falasse no seu funeral, escolheu a roupa e as músicas. Nem num momento como este quis deixar as coisas ao acaso, assim pôde garantir que corresse da forma que achou melhor, com rigor.

Ouviu-se a Marcha Nupcial (Mendelssohn) e o Desfado de Ana Moura num funeral, talvez estranho para alguns mas que para o Zé configuravam a mensagem que ele pretendia deixar: Lutemos por este país com alegria e não nos levemos demasiado a sério. E, sobretudo, o que repetiu nos últimos momentos da sua vida aos filhos: “nunca se arrependam de ser bons”. O Zé foi um homem bom.

Muito obrigada.

ADELINO GOMES

JORNALISTA E EX-PROVEDOR DO OUVINTE

Na posse de reitor de uma universidade, o filho de um meu grande amigo disse, e eu repetia-o aos alunos, no início de cada ano lectivo:

“Tudo o que fazemos e tudo o que pensamos, na Academia, encontra o seu sentido na aula, palavra que em grego antigo queria dizer ‘espaço livre’ (...) em que se pratica a experiência ativa e intensa da discussão entre professor e alunos, livres de pressões externas.

Por isso, é pouco dizer que preparamos os jovens para o mercado de trabalho. Sim, fazemo-lo, mas é muito mais do que isso. Por isso, é pouco dizer que transmitimos técnicas e conhecimentos. Sim, fazemo-lo, mas é muito mais do que isso”.

O prof. Paquete corporizava isto, que é muito, e muito pouco praticado.

Mas era mais do que isto. O seu magistério extravasava o tempo da aula e as paredes da sala. Desde muito cedo, e até ao dia da partida, a sala foi o espaço público; os destinatários, o universo dos seus concidadãos; o tempo, qualquer altura.

Durante dois anos, semana após semana, procedemos juntos à escuta e visionamento críticos dos programas que fazíamos na rádio e na televisão públicas. O exercício, prévio à emissão, envolvia todos os elementos dos gabinetes de apoio, incluindo o secretariado.

Veio, a seguir, a provedoria do Público – sempre exercida na preocupação de dar voz ao leitor/cidadão, ouvir o jornal, e defender os princípios do jornalismo.

E chegaram aquelas derradeiras crónicas, escritas em sofrimento – a última, horas antes da morte.

Escrevi, na altura, que fora a sua lição final. Equívoco. Foi, tão só, “um momento num *continuum* histórico muito antigo”, como ensinou o tal jovem reitor:

“Um momento que começou naquele dia perdido nos tempos em que pela primeira vez um ser humano percebeu que era preciso passar à geração seguinte a experiência e o saber que ‘o labor, o trabalho e a ação’, como diria Hannah Arendt, lhe tinham proporcionado. [Assim dando início a] uma das actividades mais belas e mais nobres da Humanidade: a Educação”.

Paquete de Oliveira sempre a praticou – e como a praticou! -, para, nos, e através dos média – velhos e novos.

Por tudo isto pergunto, sugerindo: por que não este Congresso criar (associando-se a instituições académicas, jornalísticas e outras) um Prémio Nacional José Manuel Paquete de Oliveira para estudos, teses, ensaios, iniciativas centradas nas ciências da comunicação, jornalismo e literacia dos média, no sentido em que o título deste IV Congresso a problematiza?

MANUEL COELHO DA SILVA

PELO CONSELHO DE OPINIÃO DA RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL, S.A. – PRESIDENTE

O convite apanhou-o de surpresa. Corria o verão de 2006 e José Manuel Paquete de Oliveira tinha cedido aos insistentes pedidos da família para passarem uns dias de férias no estrangeiro. Ao telefone, o presidente do Conselho de Administração da RTP, S.A. pede o seu assentimento para o indigitar para o lugar, recentemente criado, de Provedor do Telespectador.

Paquete de Oliveira hesita: estava a meses de atingir aquela idade a partir da qual um professor deixa, compulsivamente, de dar aulas. Prometera a si próprio uns tempos de repouso e de reflexão. Mas o convite era aliciante: tratava-se de dar corpo a uma função de importância decisiva para a formação da opinião pública.

Aliciante e irrecusável para alguém como Paquete de Oliveira, sociólogo de profissão e, sobretudo, um actor tão sensível aos problemas que atravessam a sociedade contemporânea.

Pedi uns dias para responder. E aceitou.

A indigitação foi, de imediato, reconhecida pelo Conselho de Opinião. E, semanalmente, a voz calma, o gesto comedido e o sorriso benevolente de Paquete de Oliveira encheram-nos o ecrã da televisão.

Terminou um primeiro mandato. Fez um segundo. E esperou um ano até que fosse nomeado o seu sucessor.

De 2006 a 2011, Paquete de Oliveira traçou, indelevelmente, os contornos da figura do Provedor. Um ouvidor do telespectador. Um mediador sempre pronto a resolver uma dúvida. A prestar um esclarecimento. A dar eco, junto da administração ou da redacção, do protesto fundamentado ou da sugestão enriquecedora.

Para o Conselho de Opinião da RTP, S.A. Paquete de Oliveira constituiu a expressão do bom senso. A recusa do excesso.

Que enorme é o vazio que ele deixou.

CRISTINA PONTE

PROFESSORA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – FCSH

Paquete de Oliveira foi um dos pais fundadores dos estudos da Comunicação em Portugal – e para mim, aquele que mais fazia as coisas acontecerem de uma forma que parecia “fácil e natural” – pela maneira como as conduzia e como nelas participava – sem excessos, sem fronteiras, sem sectarismo e com um imenso bom humor...

Vivi com ele momentos marcantes, em júris onde ambos participámos e noutras atividades académicas e de investigação, no ISCTE, na NOVA, na Universidade do Minho. Recordo também o seu profundo engajamento cívico enquanto sociólogo da comunicação, no programa televisivo Casos de Polícia, na SIC, ou como Provedor da RTP, e a sua capacidade de comunicar com públicos fora das paredes da academia.

Conheci-o mais ou menos ao mesmo tempo que conheci a sua mulher, a jornalista Céu Neves, no início dos anos noventa e ambos foram

‘conhecimentos para a vida”. Fui vendo como duas pessoas tão ocupadas constituíram uma família de vida. O Ricardo e o André cresceram a contar com o acompanhamento dos pais, fosse nos treinos intensos e matinais de natação ou em viagens mais distantes, pelo mundo fora. Recordo que em 2002, desceram todos do Ceará, onde a Céu tinha ido em reportagem, até à Bahia, onde se realizava o INTERCOM desse ano - num autocarro de carreira, toda a noite. Em Salvador, recordo o sorriso com que nos sugeriu, a mim e à Maria João Silveirinha, um excelente restaurante de comida a peso que ficava num primeiro andar de um prédio que facilmente descobriríamos pelo seu “ar desgraçado”. Recordo sempre a eficácia deste conselho para um saboroso e económico jantar, não sei porquê, são também esses momentos que ficam... um imenso gosto pela vida!

Quem deixa estas memórias continua presente, estando ausente. Obrigada, Paquete de Oliveira!

HELENA SOUSA

**PRESIDENTE DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

As Ciências da Comunicação em Portugal perderam um pioneiro e um construtor. O Professor José Manuel Paquete de Oliveira foi figura nuclear de um campo que dava os primeiros passos em Portugal. Empenhou-se inteiro, comprometendo-se com o desenvolvimento desta área nas suas múltiplas vertentes: ensino, investigação, associativismo, relação com as comunidades mais próximas e internacionalização. Exerceu várias profissões e desempenhou inúmeras tarefas que se revelaram fundamentais para definir o que hoje somos: foi jornalista, professor, fundador da primeira disciplina de Sociologia da Comunicação, provedor do leitor e do telespectador, dinamizador da comunidade lusófona de ciências da comunicação, tendo sido Presidente da Sopcom, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. A cada função se dedicou plenamente, com a intensidade serena que fazia dele uma personalidade única, capaz de imaginar caminhos e soluções nos terrenos mais difíceis.

Perdemos um grande académico, um grande jornalista, um leitor notável da realidade social. Mas o que mais dói é a ausência do amigo e companheiro. Sempre afável, disponível, generoso e dedicado, guardo as mais ternas memórias do trabalho coletivo em projetos, júris, conferências e múltiplas reuniões e encontros. Conhecer o Professor Paquete de Oliveira e privar com ele foi um dos grandes privilégios que a vida me concedeu

e que tanto me marcou. Não há limites para a minha gratidão pelos seus ensinamentos e pelo modo simples de estar que tanto me sensibilizou. O Professor Paquete de Oliveira é insubstituível e a sua perda irreparável. Saibamos estar à altura do seu legado.

**LUIZ HUMBERTO MARCOS, DIRETOR DO
MUSEU NACIONAL DE IMPRENSA**

PRESENTE DE LEMBRANÇAS, OU LEMBRANÇA DE PRESENTES

1. Às vezes apetece-me voltar a telefonar-lhe para cavaquearmos um pouco sobre o associativismo, nacional e internacional, neste campo vasto das Ciências da Comunicação.

Paquete é o amigo, o conterrâneo, que ficou implantado no coração.

Desde quase sempre.

Desde aquele tempo em que ele, meu confessor, ouvia, no Funchal, os meus pecados de adolescente; pecados que nada tinham de pecado, obviamente.

A sabedoria (que brota dele, na obra que construiu, na memória que se vai conjugando e reorganizando em cada um de nós, dos que o conhecem) essa sabedoria (sublinho) está na forma como compreendemos os outros para que cada um deles saiba o seu lugar na transformação do mundo. Paquete de Oliveira estava infundado desta sabedoria.

2. Foi há menos de um ano que ele se escondeu de nós.

Isso aconteceu quando o sopro da vida ficou para iluminar as ideias. Nessa altura, quando a notícia (falecimento) chegou, escrevi um pequeno texto em sua homenagem que aqui releio, em voz alta:

Sopro

Para o José Manuel Paquete de Oliveira, no dia seguinte

O sopro da vida, sim
impulsiona, vibra
e... pergunto:
também corre p'ra eternidade?

nada é definitivo
nem a morte,
apenas passagem
no devir da humanidade.

fica o que fica
- com bondade
afetos e sonhos
se constrói a felicidade.

MADALENA OLIVEIRA

PELA DIREÇÃO DA SOPCOM

Há 20 anos o jornal Público lançou um colecionável em fascículos sobre oitenta vidas que a morte não apaga. Nomes que a história lembrará por muito tempo, ou para sempre, por um pensamento singular ou pela originalidade de uma invenção. Nomes de descobridores, filósofos e escritores que, de algum modo, mudaram a Humanidade.

A memória que as Ciências da Comunicação em Portugal guardarão de Paquete de Oliveira é a memória de um pioneiro, autor da primeira tese de doutoramento nesta área de conhecimento, ainda que inscrita na área científica de Sociologia; a memória de um inspirador da ideia de comunicação como pilar de comunidade e cidadania e também a memória de um homem bom, de coração manso, de palavra generosa, de voz moderada e juízo tolerante. Doce no sotaque como no trato, discreto e modesto, Paquete de Oliveira foi um académico simultaneamente despretensioso e diligente. É hoje, para todos nós, uma referência científica, com quem aprendemos que as Ciências da Comunicação são não só ciências dos fluxos de informação mas também ciências da correspondência de afetos.

Por isso, para a Sopcom, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, de que foi Presidente da Direção, primeiro, e Presidente da Assembleia Geral, depois, Paquete de Oliveira é uma vida que a morte não apagará.

RITA ESPANHA

PROFESSORA DO ISCTE-IUL

O Prof. Paquete de Oliveira marcou profundamente a vida do ISCTE-IUL.

Como professor, naturalmente, deixou uma marca profunda em todos os estudantes que foram seus alunos, mas na Instituição como um todo, pelo importante papel que desempenhou em vários cargos em órgãos de direção, mas especialmente pelas suas qualidades humanas, que

não deixavam ninguém, que tivesse tido o privilégio de se cruzar com ele, ficar indiferente.

Uma das suas marcas mais evidentes foi a criação, visionária, do curso de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, um dos cursos de mestrado mais antigos no ISCTE-IUL e um dos que tem tido mais sucesso, em continuidade, ao longo dos seus 23 anos de existência, curso que hoje tenho o privilégio de coordenar. A área científica das Ciências da Comunicação, ligada à Sociologia do ISCTE, deve a sua existência e qualidade à vontade e visão do Professor Paquete de Oliveira, algo a que gerações de estudantes, docentes e investigadores do ISCTE-IUL estarão para sempre gratos.

Por tudo isto, e tudo o que ainda podia e pode ser dito, muito obrigada Professor Paquete de Oliveira.

SARA PEREIRA

**PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DO MINHO E
PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA**

“Como estão as crianças?” Era assim que a maior parte das vezes o Professor Paquete de Oliveira me cumprimentava, querendo referir-se não às minhas crianças em particular, mas a todas aquelas que direta ou indiretamente estavam envolvidas nos meus estudos sobre crianças e média. Reparava então em como o Professor valorizava o trabalho em torno do público mais novo e dos média, em como se interessava por estar a par da investigação que se desenvolvia nesta área, tendo tratado por várias vezes este assunto enquanto Provedor do Telespectador. Paquete de Oliveira foi para mim, e continua a ser, um exemplo como pessoa e como académico, mostrando que na academia, assim como na vida, se pode cultivar o humanismo. E é com esta memória que continua entre nós, como diria Jorge de Sena,

Uma pequenina luz bruxuleante
Não na distância brilhando no extremo da estrada
Aqui no meio de nós e a multidão em volta
(...)
Uma pequenina luz
que não ilumina apenas brilha.
(...)
Não na distância. Aqui
No meio de nós.
Brilha.

TÂNIA DE MORAIS SOARES

ISCTE-IUL / ENTIDADE REGULADORA PARA
A COMUNICAÇÃO SOCIAL (ERC)

Conheci o Professor Paquete, modo de tratamento que nunca alterei, quando este coordenava a área de especialização em Sociologia da Comunicação do ISCTE.

A primeira grande empreitada com a qual contei com a sua dedicação e sabedoria foi quando o tive como orientador da minha tese de licenciatura era ele na altura Presidente do Conselho Diretivo do ISCTE e comentador residente no programa *Casos de Polícia* na SIC.

Desde então tornámo-nos uma equipa, sendo também meu orientador de mestrado e de doutoramento, pois levava seriamente esse papel, guiando-nos na nossa autonomia, na nossa liberdade criativa, incitando a nossa busca pelo saber, aguçando a nossa “curiosidade sociológica”.

Tive o privilégio de pertencer a uma equipa de investigação em sociologia da comunicação que ele liderou no ISCTE com aquele seu estilo democrático e inclusivo mas pragmático, que nos fez sentir orgulho por participar no processo dialético da construção do conhecimento.

O Docente José Manuel Paquete de Oliveira inspirou várias gerações de alunos que continuaram os seus percursos académicos e profissionais procurando pôr em prática os seus ensinamentos escolásticos e humanistas. É esta a grandeza da profissão de docente, o lastro de saber que deixamos e o futuro que inspiramos. Mas quando esse legado nos chega através de alguém excecional – não apenas pelos seus métodos pedagógicos como pela sua experiência de vida e devoção à relação com os outros, pelo seu exemplo enquanto cidadão –, o nosso rumo adquire contornos ainda mais definidos.

O que é que podemos dizer quando nos morre um amigo?

Não se trata de agradecer a um bom PROFESSOR, o que já seria grande o bastante. Trata-se de agradecer metade de uma já longa vida, onde quase tudo aquilo em que tive algum sucesso conta com um ensinamento seu, uma palavra, um conselho, um sorriso.

Aquele que considero ser o pai da sociologia da comunicação em Portugal, Presidente da Sopcom, da Lusocom, do Conselho Diretivo do ISCTE era assim: sempre com tempo para os alunos, para os seus pares, para os administrativos, para todos indiferenciadamente.

Foi um exemplo de Cidadania. Era UM HOMEM BOM.

O que se escreve quando nos morre um Amigo?

Quando recordamos tudo o que aprendemos com a sua

natureza inerentemente humana.
O que se faz quando nos morre um Amigo?
Um Mestre que gerações e gerações de “Iscteanos” choraram.
Até sempre PROFESSOR.
Fica uma família linda, uma obra imensa e a memória incansável de muitos¹.

¹ Excerto do texto que publiquei dias após o seu falecimento.